

# APPENDIX PROBI PORTUGUÊS: *REFORMAÇÃO DE ALGÛAS PALAURAS QUE A GENTE VULGAR USA & SCREUE MAL (1576)*

Eliabe Procópio

Mestre em Linguística (Universidade Federal do Ceará) e Mestre em Filologia  
Hispanica (Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Madri)  
[eliabe.prococio@ufrr.br](mailto:eliabe.prococio@ufrr.br)

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos a seção “Reformação de algũas palauras que a gente vulgar usa & screue mal”, uma lista de palavras erradas e emendadas, da obra **Orthographia da Lingoa Portuguesa** (1576), de Duarte Nunes Leão. O estudo dessa lista de palavras permite contribuir para a história do Português, já que tais vocábulos manifestam o uso linguístico quinhentista, padrão trazido para o Brasil colonial; e demonstrar que essa obra inaugura uma linhagem de *appendices lusitanae*, cujo ancestral é o *Appendix Probi* (séc. III a.C), principal fonte para o estudo do Latim vulgar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português quinhentista; Ortografia; Metaplasmo; Appendix

**ABSTRACT:** This paper analyzes a section from Duarte Nunes Leão’s **Orthographia da Lingoa Portuguesa** (1576) [Portuguese Orthography], entitled “Reformação de algũas palauras que a gente vulgar usa & screue mal” [Reform of some words which are commonly misemployed and misspelled by the populace], which comprises a list wrongly-spelled and amended words. This study of this list contributes to the historical study of the Portuguese language, since such words attest Portuguese usage in the fifteen hundreds, which was brought to colonial Brazil. It also shows that this was the first of the *appendices lusitanae*, whose ancestor is the *Appendix Probi* (3rd cent. AD), the main source for the study of vulgar Latin.

**KEYWORD:** sixteenth-century Portuguese; Orthography; Metaplasms; *Appendix*.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante dos séculos XVI e XVII, a Língua Portuguesa recebeu importante obras teóricas sobre sua Gramática, Ortografia e Léxico. Nesta última, destacamos **Orthographia da Lingoa Portuguesa** (1576), de Duarte Nunes Leão, que defendia uma grafia aproximada à cultura greco-latina, porém moldada aos padrões sonoros portugueses. Contudo, observamos que uma seção de sua obra, intitulada “Reformação”, apresenta grandes semelhanças com o *Appendix Probi*. E, se analisarmos outras obras sobre mesma temática, observamos que isso se repete, levando-nos a entender que se trata de uma tradição iniciada dentro dos estudos gramaticais latinos e perpetuada em Português.

Além disso, a seção “Reformação”, constituída de uma relação de palavras certas e erradas, apresenta um retrato linguístico da Língua Portuguesa quinhentista por meio de correções ortográficas, as quais apontam para as possíveis variações fonéticas ocorrente no século XVI, período em que se estabelecia a colonização no Brasil. Desse modo, o presente estudo contribui não apenas para historiar o Português Europeu, mas também a formação do Português Brasileiro.

Para esta análise, usamos a categoria dos Metaplasmos para estudarmos essa lista, organizando-a conforme o fenômeno linguístico em questão.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA ORTHOGRAPHIA DA LINGOA PORTUGUESA

A **Orthographia** surgiu em um período muito importante para a Língua Portuguesa, pois os séculos XVI e XVII são considerados um momento de transição de uma língua arcaica a uma moderna. Inicialmente temos o Galego-Português, cedendo lugar ao Português que passa a funcionar como uma instituição de nacionalidade.

Ao lado disso, observamos um fortalecimento cultural da Língua, com o surgimento de traduções dos clássicos para o Português, possibilitando um enriquecimento e uma variedade lexical; a expansão e o desenvolvimento da Universidade; e principalmente o crescimento político-geográfico do Império Português atrelado à Língua.

Este é o cenário de nossa língua: procurando seu lugar como instrumento de construção e transmissão do conhecimento e marca identitária de um povo, principalmente no que diz respeito às outras línguas românicas, em especial, o Espanhol. Isso fica claro quando, em 1580, Espanha anexa Portugal e suas colônias a sua Coroa. Quer dizer, havia tanto uma ‘luta’ gramatical, no sentido de buscar uma sistematização para a Língua, quanto uma luta política, no sentido de separar reinos e seus respectivos idiomas.

Nessa luta, surgem nossas primeiras gramáticas vernáculas, todas elas arrimadas em pressupostos renascentistas, utilizando a tradição gramatical greco-latina como padrão. Contudo, talvez, antes de estabelecer regras morfosintáticas, discutir aspectos semânticos etc, é preciso instituir um sistema de representação gráfica para o Português. Coutinho (2000, p. 71-80) propõe que a Ortografia portuguesa pode ser entendida a partir de três momentos: o fonético, o pseudo-etimológico e o simplificado.

Data-se esse período fonético desde os primeiros textos escritos em Português até o século XVI, quando se inicia o pseudo-etimológico que vai até 1904, data de publicação da **Ortografia Nacional**, de Gonçalves Viana. Desse modo, notamos que a obra de Duarte Leão se localiza entre os dois primeiros momentos: o primeiro caracterizado por uma considerável variação gráfico-fonética, provavelmente a frase “a língua era escrita para o ouvido” (idem) ilustre bem esse tipo de escrita, marcada por experimentações, justificando assim os vários modos de representar uma determinada palavra (ILARI; BASSO, 2012, p. 199); o segundo momento, o pseudo-etimológico, é na verdade uma busca das origens como forma de a Língua Portuguesa aparentar idoneidade, senioridade, buscando equipará-la ao Latim, detentor de prestígio.

Spina (2008, p. 282) afirma que o Português quinhentista foi marcado pela latinização que, do ponto de vista gráfico, complicou a “escrita mais singela dos primeiros tempos” e, do ponto de vista fonético, aproximou as “formas populares das formas clássicas”. Com isso podemos observar que a descrição linguística de Duarte Leão aponta para uma coocorrência entre formas populares e arcaizantes, entre formas coloquiais e cultas.

Com relação às gramáticas vernáculas, Paiva (2008, p. 150) aponta que, embora o Português fosse língua oficial desde o reinado de D. Dinis (1261-1325), seu ensino continuava sendo “espontâneo e naturalmente fora dos bancos escolares, através da

comunicação usual do dia-a-dia, assim permanecendo até o século XVI”, momento quando surgem as gramáticas portuguesas.

Nossa primeira gramática<sup>1</sup> surgiu em 1536: **Grammatica da Lingoagem Portuguesa**, de Fernão de Oliveira; logo após datamos a **Gramática da Língua Portuguesa**, de João de Barros (1540), as **Regras que Ensinam a Maneira de Escrever a Orthografia Portuguesa**, de Pero de Magalhães de Gândavo (1574), e a **Orthographia da Lingoa Portuguesa**, de Duarte Nunes Leão (1576). Nos séculos seguintes, aparecem vários outros títulos, alguns típicos manuais gramaticais, outros comentários, discussões, manuais de regras de ler e escrever; ademais haveríamos de citar os dicionários, os vocabulários e os tesouros lexicográficos.

Monteiro (1992) indica que as bases ortográficas da Língua Portuguesa foram estabelecidas no século XVI pelos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros, porém refutadas em sua maioria por Gândavo e Duarte Leão, pois defendem uma vinculação etimológica, fazendo ressurgir “grafias já bastante distanciadas da pronúncia portuguesa”.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com relação à metodologia de nossa pesquisa, buscamos conciliar pressupostos linguísticos e filológicos. Inicialmente, cotejamos a “Reformação” com o *Appendix Probi*, no sentido de encontrar pontos em comum. Para esse processo, utilizamos a versão original da **Orthographia da Lingoa Portuguesa**, disponível em versão fac-similar na página virtual da Biblioteca Nacional de Portugal<sup>2</sup>; e a edição crítica do *Appendix* realizada por Baehrens (1922).

Após esse cotejo, analisamos a ‘Reformação’, constituída de uma lista com duas colunas: a das palavras ‘erradas’, na qual o autor apresenta vocábulos grafados erroneamente, e a das palavras ‘emendadas’, na qual indica a forma correta de escrever ditos vocábulos. Como categoria de análise, usamos os Metaplasmos entendidos como um conceito guarda-chuva por se referir a um conjunto de transformações fonéticas ocorridas devido à variação ou a mudança linguística, e gerar formas múltiplas.

<sup>1</sup> Nossa primeira gramática saiu atrasada, se comparamos com a da Língua Espanhola: *Grammatica Antonii Nebrissensis* (1492).

<sup>2</sup> <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html> - último acesso em 02.03.14

Comumente os Metaplasmos são compreendidos em quatro possíveis processos: 1) adição: prótese, epêntese e paragoge; 2) supressão: aférese, síncope, apócope e crase; 3) transposição: metátese, hipértese e hiperbibasmo; e 4) transformação: vocalização, consonantização, nasalização, desnasalização, assimilação, desassimilação, sonorização, ensurdecimento etc.

Como Duarte Leão apresenta sua lista em colunas, citando primeira a palavra ‘errada’ e depois a ‘emendada’, partimos desta última para a primeira, por entender que essa variação gráfica aponta para uma possível variação fonética. Por exemplo, o autor cita “Apoupar”, em seguida “Poupar”, em que observamos um metaplasmo por prótese, por meio do acréscimo de um fonema ao início da palavra, sem lhe alterar lexicalmente o sentido

Se no *Appendix* existe uma lista de 227 pares de palavras, na ‘Reformação’ enumeramos 155 duplas de vocábulos, distribuídos alfabeticamente da seguinte maneira: A/24, B/6, C/22, D/4, E/18, F/11, I/5, M/15, N/3, O/2, P/16, Q/1, R/9, S/8, T/9, V/2.

## TRADIÇÃO APPENDIX PROBI NA ‘REFORMAÇÃO’

Publicada em 1576, a **Orthographia** objetiva descrever uma teoria geral da escrita das línguas neolatinas. Na capa, o autor indica que se trata de uma “obra vtil, & necessária, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol, como a Latina, & quaesquer outras, que da Latina teem origem”. Apesar de ser uma obra inaugural em Português, já que seu objeto é apenas a grafia portuguesa, o autor parece ter uma clara consciência de seu texto, deixando transparecer isso em sua escrita. Inicia discorrendo sobre “Huma das mais aparêtes vantagẽes” que faz diferença entre os homens e os animais: a fala e as palavras, isto é, a articulação da linguagem e o sistema de representação gráfica; e relaciona o escrever bem com saber “o sentido, propriedade, & origem das palauras”.

Em toda a obra, notamos que Duarte Leão vai citando suas referências latinas, Marco Túlio, Varrão, Marco Valerio Mesala Corvino, Quintiliano, dentre outros. Frequentemente o autor se remete à cultura antiga usando expressões, como “dos Gregos & Latinos”.

A **Orthographia** apresenta a seguinte disposição: 1. Priulegio; 2. Dedicatória; 3. Da diffinição da Orthographia e da Voz; 4. Das letras, e da sua diuisão e natureza; 5. Da

affinidade, qve algumas letras teem entre si, e como si convertem humas em outras; 6. Dos diphtongos da lingua Portuguesa; 7. Das syllabas e diçoes; 8. Das letras, em qve se podem acabar as dições da lingua Portuguesa; 9. Da divisão das dições, e como se deuem separar as syllabas; 10. Das letras, qve se podem ajuntar outras, na composição das syllabas; 11. Da divisão das dições compostas; 12. Das letras, qve se dobram na dições; 13. Das dições, qve se dobram em letras; 14. Das letras qve se aspirão; 15. Regras geeraes da orthographia da lingua portuguesa; 16. Da observação dos artículos, e como se deuemescrueer; 17. Dos accentos, e qvando os deuemos usar na escriptura; 18. Dos apostrophos; 19. Das abbreviatvras; 20. “Reformação de algumas palauras que a gente vulgar vsa e screue mal”; 21. Vocabvlos qve scriptos com letra singella significação de huma maneira, e com dobrada de outra; 22. Vocabvlos qve mvdado o acento, significação de diuersa maneira; e 23. Tractado dos pontos das clausulas, e de outros que se põem nas palauras, ou oração.

Pudemos notar que a temática da obra vai desde uma conceituação básica, passando pela descrição fonética, pelos princípios de divisão silábica, acentuação e chegando à “Reformação”, tema de nossa pesquisa; e que Duarte Leão procura harmonizar o quadro gráfico-fonético português à herança linguística latina, intencionando que o Português se elevasse a uma posição de língua de cultura, língua clássica.

Quanto às semelhanças entre a “Reformação” e o *Appendix Probi*, notamos que ambos os textos apresentam mesmo objetivo e configuração: prescrever uma forma correta de escrever e falar, e disposta em lista, na qual aparecem as formas certas e erradas. O primeiro, escrito por um autor anônimo de origem africana, provavelmente no século III a.C., trata-se de uma lista de 227 versos, nos quais seu autor aponta expressões ‘certas e erradas’. Pelo fato de ter sido encontrado anexo a um texto gramatical de Valério Probo (séc. I d.C.), costumou-se adjetivá-la como ‘apêndice *probi*’.

Talvez, por sua configuração, essa lista pode parecer que não tem pretensão gramatical, mas a de indicar uma maneira correta de usar a Língua Latina. De modo quase similar, vemos que a **Orthographia** também não ambiciona o posto de um tratado gramatical, mas também não é apenas uma listagem de palavras corretas e erradas. Sua intenção é apresentar e normatizar diretrizes gráficas para o Português, o

que por si já se caracteriza como uma preocupação gramatical. Afinal estabelecer um modelo de escrita é propor uma norma gramatical, prova disso é o título da seção “Reformação”, com respeito a correção, emenda, reforma, restauração.

Se comparamos a estrutura do *Appendix* com a da “Reformação”, vemos que o modelo é o mesmo, ademais o costume da época era retomar os padrões latinos. Comparemos alguns exemplos retirados de Baehrens (1922), importante editor do referido texto latino, e Leão (1576):

| Appendix                                      | Reformação    |                 |
|---|---------------|-----------------|
| porphireticum marmor non purpureticum marmor. | <i>Errada</i> | <i>Emendada</i> |
| tolonium non toloneum.                        | Baixo         | Baxo            |
| speculum non speclum.                         | cinco         | cinquo (grafia) |
| masculus non masdus.                          | escuma        | spuma           |
| vetulus non veclus.                           | ioelhos       | gielhos         |
|   | mulher        | molher          |

Quadro 01 – Comparação Appendix/Reformação

Observamos que as expressões exemplificadas seguem uma o padrão culto e outra o coloquial: no *Appendix*, primeira aparece a versão correta, depois a errada; na “Reformação”, o inverso. Desse modo, embora o autor proponha essas reformações dentro de uma obra sobre grafia, seu propósito também é o de corrigir a fala ou que esta se pautasse por aquela.

Na medida em que vamos estudando a história da ortografia portuguesa, notamos que aparecem outras obras que seguem o mesmo perfil inaugurado por Duarte Leão: a tradição, o modelo *Appendix*. Podemos citar duas importantes: 1. **Ortografia da Língua Portuguesa** (1671), de João Franco Barreto – “Advertencias em ordem a emmendar, & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas”; e 2. **Ortografia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa** (1734), de João de Moraes Madureira Feijó – “Erros communs da pronunciaçam do vulgo, com as suas emendas em cada letra”<sup>3</sup>.

Embora existam muitas outras obras que tratem da mesma temática, essas duas se destacam por seu caráter prescritivista, pois, assim como a **Orthographia** de Duarte

<sup>3</sup> Ambas as obras estão disponíveis em versão fac-similar na página da Biblioteca Nacional de Portugal: <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>.

Leão, indicam expressões que consideram erradas e corretas. Outro ponto interessante é notar que essas obras foram publicadas em três séculos diferentes: XVI (1576), XVII (1671) e XVIII (1734), propiciando uma visão diacrônica da variação e mudança gráfico-fonética ao longo dos três séculos.

Com isso, acreditamos que a tradição *appendix* a que nos referimos é muito mais profunda do que conjecturamos neste texto, pois atravessa três importantes publicações sobre ortografia, além de disseminar posturas teóricas em tantas outras obras, inclusive atuais. Costumeiramente, confunde-se Prosódia, entendida tradicionalmente como estudo acento, entonação e duração, com Ortoépia, entendida como o estudo da pronúncia correta das palavras. E isso talvez se dê por que a Gramática Tradicional se move entre duas linhas, uma descritiva e uma prescritiva, descrevendo a variante linguística escrita, literária e considerada, portanto, culta, e prescrevendo sua maneira de falar.

Nesse sentido, a confusão parece mais global, envolvendo Fonética, Fonologia e Grafia, embora este seja o objeto da obra em estudo, seu foco parece ser a fala, como as pessoas falam e como deveria falar.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DA ‘REFORMAÇÃO’**

Utilizamos para análise as categorias dos Metaplasmos, porém, como alguns dados não se lhe enquadravam, propomos outras três áreas para organizamos nossas informações, são elas: variação lexical, adequação/aclimação gráfica e paronímia. Para analisar e discutir os Metaplasmos, fundamentamo-nos em Bueno (1967), Coutinho (2000), Nascimento; Carvalho (1966), Nunes (1975), Silva Neto (1976), dentre outros. Quanto às ocorrências, identificamos 188 casos, distribuídos da seguinte maneira:

| Metaplasmos   | Qnt. | %    |
|---------------|------|------|
| Adição        | 17   | 9%   |
| Supressão     | 19   | 10%  |
| Transposição  | 19   | 10%  |
| Transformação | 133  | 71%  |
| Total         | 188  | 100% |

Tabela 01 – Distribuição numérico-percentil dos Metaplasmos

Como podemos observar, foram os casos de Metaplasmo por transformação (doravante MTF) os mais produtivos, estes “ocorrem quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro” (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 6). O fenômeno da transformação pode ocorrer de várias maneiras, a seguir explicamos por ordem de frequência:

1. Metafonia: alteração do timbre ou da altura de uma vogal; verificamos 78 casos, quantidade bem numerosa, pois corresponde a 48% do total de todos os Metaplasmos e 58% dos MTF, praticamente a metade e mais da metade, respectivamente. Porém, se entendermos que as vogais se caracterizam por articulação livre, veremos que é o tipo de fonema mais propício à variação, assim como demonstram nossos dados.

Embora não tenhamos considerado o contexto fonológico, já que a exemplificação de Duarte Leão parece aleatória, pudemos identificar estas situações de flutuação: VOGAIS ORAIS – {a/e, a/o}; {e/a, e/i, e/o}; {i/a, i/e, i/o, i/u}; {o/a, o/e, o/i, o/u}; {u/i, u/o}; VOGAIS NASAIS – ã/ĩ (lan/nin), ã/e (ins/es), õ/ã (on/an); DITONGOS – eu/ia, eu/ei, eu/oi; por exemplo: Alifante/Elefante – a/e e i/a; Cileiro/Celleiro – e/i.

Se analisarmos apenas as vogais orais, é possível dizer que as vogais [i] e [ô/ó] são as que mais se permitem variar, movendo-se para quatro posições vocálicas. Contudo, em relação aos percursos articulatórios, são as vogais [ê/é] e [ô/ó] que mais possibilidade têm de se movimentar: as primeiras podem abaixar, alçar e recuar; e as segundas podem abaixar, alçar e avançar.

Transformação fonética semelhante à Metafonia é a Apofonia, mudança sofrida por uma vogal da sílaba inicial do vocábulo por influência de um prefixo. Encontramos apenas um caso: Desenuergonhado/Desauergonhado.

2. Lambdacismo: comumente definido como a transformação do fonema [r] em [l], porém houve dois casos envolvendo o fonema [n], que agrupamos sob o mesmo conceito, já que esses três apresentam características fônicas que muito os aproximam. Ao total foram nove ocorrências, das quais citamos, por exemplo: cirurgião/solorgião; armario/almario; astronomia/astrolomia.
3. Sonorização/Ensurdecimento: compreendido como o vozeamento de um fonema, geralmente se transforma em seu par fônico. Identificamos oito casos, ilustramos com: arbitrar/alvidrar (t/d), frenético/farnetego (k/g). O contrário desse fenômeno é o Ensurdecimento, ou desvozeamento, do qual encontramos apenas uma ocorrência: enxerga/enxerca (g/k).
4. Rotacismo: consiste na transformação do fonema [l] em [r], basicamente o contrário do Lambdacismo, quantificamos seis casos, exemplificados com: negligente/negrigente; concluir/concurdir.
5. Fricatização: variação fonética em que um dos fonemas tende a ser pronunciado como fricativo, verificamos dois casos, dos quais citamos: *Physionomia/Filosomia* (n/s)
6. Monotongação/Ditongação: redução de um ditongo a uma vogal ou a passagem de um hiato ou de uma vogal a um ditongo. Identificamos cinco reduções vocálicas e cinco ditongações: baixo/baxo, residuo/resido; morro/mouro (morrer), ocioso/oucioso.
7. Consonantização: transformação fonética que consiste em que uma vogal passa a ser pronunciada como uma consoante. Verificamos cinco ocorrências de consonantização: preimatico/pragmatico.  
Se analisarmos da forma dita correta ‘pragmática’ para a errada ‘preimático’, o processo é o inverso, ou seja, ocorre uma vocalização.
8. Nasalização/Desnasalização: quando um fonema oral se transforma em nasal, ou o processo contrário. Verificamos um caso do primeiro (*Executar/Enxucatar*), e dois do segundo (*Instrumento/Estormento*).
9. Assimilação/Dissimilação: o primeiro fenômeno pode ser visto como a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, por força de influência que um exerce sobre o outro; enquanto o segundo, a diversificação de um fonema pelo fato de já haver outro igual ou semelhante no vocábulo. Contabilizamos três Assimilações (*Batismo/Boutiço* – do tipo progressiva [sm]/[s]) e duas Dissimilações (*Começo/Compeço* – do tipo eliminadora).

10. Bilabialização (Labialização): quando o fonema se articula parcial ou totalmente bilabiais, constatamos quatro casos, dos quais citamos: Sanguixuga/Sambixuga [ã]/[ã<sup>m</sup>], Varrer/Barrer (v/b).

11. Assibilação: é a transformação de um ou mais fonemas em uma sibilante, ou seja, um fonema passa a se articular fricativo ou com traços fricativos. Esta denominação se direciona mais às sibilantes derivadas de oclusivas velares ou linguodentais. A única ocorrência foi: Despidome/Despeçome – d > (ts) > s; do latim para o português, também procedeu semelhante processo, como, por exemplo, *audio* > ouço.

Quando aos Metaplasmos por transposição (doravante MTP), definidos como o deslocamento de um fonema ou de um acento tônico, eles somaram 19 casos, sendo 10 Metátese e nove Hipértese.

Metátese ocorre quando um fonema se desloca dentro de uma mesma sílaba: parceiro/praceiro, pergunta/pregunta, flor/frol; já a Hipértese é quando o referido processo ocorre entre sílabas diferentes: clerigo/creligo, pobre/proue.

Do terceiro tipo de Metaplasmo, por supressão (doravante MS), encontramos 19 casos. Esse tipo ocorre quando se suprime algum fonema de uma palavra. As ocorrências foram de 14 Síncopes, supressão no interior vocabular: Desdeque/Desque, Experimentar/Eprimentar; quatro Aféreses, supressão no começo de uma palavra: Emancipado/Mancipado, Homenagem/Menagem; e uma Apócope, quando o processo de diminuição se processa ao final do vocábulo: Quiçais/Quiça.

O tipo menos ocorrente foram os Metaplasmos por Adição (doravante MA), vistos quando se aumenta a massa fônica de um vocábulo. No total, foram 17 MA, dos quais identificamos 10 Próteses, quando um fonema se insere ao começo de uma palavra: Deão ou Daião/Adaião, Gabar/Agabar, Lanterna/Alenterna; e sete Epênteses, quando o processo de adição se processa no interior vocabular: Chronica/Caronica, coronica, concluir/concurdir.

Outros fenômenos se manifestaram, os quais não se ligam aos Metaplasmos, pois sua variação, por assim dizer, não é fonética propriamente dita, mas ou gráfica, ou lexical ou semântica. Com relação à semântica, anotamos apenas um caso de Paronímia, em que as duas palavras apresentam mesma pronúncia, mas escrita e sentido diferentes: Conselho (*consilium*, ii) e Concelho (*concilium*, i).

No tocante ao que denominamos variação lexical, separamos sete casos de expressões coetaneamente coocorrentes, conforme consultas a Viterbo (1798, 1865), Davies; Ferreira (2006), Seoane et al. (2006), dentre outros. Por exemplo, Duarte Leão arrola “Dedo meiminho/Dedo mínimo”, porém por essa época – inclusive ainda hoje – já se documentavam ocorrências, como: mendinho, mindinho, meiminho, meminho, advindas do Latim *\*minimīnu*, diminutivo de *minīmu*. Outro exemplo é “Ferrugem de chaminé/Felugem, de fuligo”, usava-se também a expressão ‘ferrugem de chaminé’ no sentido de que se associava a fumaça ao pó resultante da queima de algum combustível, a cinza.

Por fim, a variação gráfica se manifestou em 26, essas entendidas como uma adequação, uma aclimatação gráfica a proposta por Duarte Leão, ou procurando regularizar a escrita portuguesa ou tentando aproximá-la de uma (pseudo-)versão latina ou grega. Quando o autor cita “Acolá/Aquola”, “Ca, aduerbio local/Qua” ou “Como, aduerbio interrogativo/Quomo”, advoga seu pleno uso em Língua Portuguesa, comenta que desde antigamente a letra ‘Q’ era considerada ociosa e desnecessária, cita autores latinos que escreveram vários textos sem sequer usá-la, mas sim a letra ‘C’, sugerindo inclusive a regularização gráfica para esta sequência silábica de “ca, que, qui, co, cu” para “qua, que, qui, quo, quu” (LEÃO, 1576, p. 18).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a análise da “Reformação” possibilitam conhecer não apenas orientações ortográficas, mas observar aspectos variacionistas do Português quinhentista indicados como erros de escrita e muito provavelmente de fala. Advogamos que textos desse perfil, que chamamos de tradição *appendix*, oferecem um retrato linguístico de sua época. Isso se torna importante não apenas para o Português Europeu, mas também para o Português Brasileiro, dando respostas para a seguinte pergunta: como era a Língua Portuguesa traslada ao Continente Europeu, nos períodos coloniais.

Contudo, tais respostas são sincrônicas e diacrônicas, explicando o estado linguístico quinhentista, mas também atual, pois muitos dos fenômenos fonéticos arrolados e comentados acima ocorrem ainda hoje, por exemplo, o alçamento vocálico é um traço marcante da Língua Portuguesa frente a outras línguas românicas (Milhor/Melhor).

Outro ponto interessante de notarmos em textos da tradição *appendix* é quanto à construção da Norma Culta do Português Peninsular, conseqüentemente do Português Brasileiro, Africano, Asiático. Quando Duarte Leão emenda a forma ‘mulher’ para ‘molher’, aponta que na Norma de sua comunidade linguística o corrente era esta última, e que a forma alçada era tida como errada. Porém, durante o referido processo normativo de construir um padrão fonético para o Português, algumas normas (e variantes) foram incluídas, outras excluídas. Nesse caso, a constituição fonética alçada foi a que continuou.

Seguindo esse raciocínio, outros níveis linguísticos podem ser entendidos a partir deste e dos outros “*appendices lusitanae*”. A emenda “monocordio” para “manocordio” é entendida por um viés metafórico, por meio do qual o falante entende que se trata de um instrumento de uma só corda tocado com a mão. Assim substitui o prefixo ‘mono’ por ‘\*manu’, por analogia a manuscrito, manuseio etc.

## REFERÊNCIAS

- BAEHRENS, Willem Adolf. *Sprachlicher Kommentar zur vulgärlateinischen Appendix Probi*. Halle: Max Niemeyer, 1922.
- BARRETO, Ioam Franco. *Ortografia da lingva portugueza*. Lisboa, Officina de Ioam da Costa, 1671.
- BOTELHO, José Mário; LEITE, Isabelle Lins. “Metaplasmos contemporâneos: Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa”. *Anais do II CLUERJ-SG*, Volume Único, Ano 2, n.º 01, 2005.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de Filologia Portuguesa*. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- \_\_\_\_\_. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.
- DAVIES, Mark; Michael FERREIRA. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.
- DICIweb. *Corpus Lexicográfico do Português*. Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Home>

- FEIJÓ, João de Moraes Madureira. *Orthographia, ou arte de pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Lisboa Occidental: Miguel Rodrigues, 1734.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LEÃO, Duarte Nunez do. *Orthographia da Lingoa Portuguesa*. Lisboa: Ioão de Barreira impressor del Rei N.S., 1576. Disponível em: <http://purl.pt/15>.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. “Alguma Reflexão sobre ‘A Origem da Língua Portuguesa’ de Duarte Nunes de Leão”. Disponível em: <http://www.prohpor.ufba.br/leao.pdf>.
- MONTEIRO, José Lemos. “A Ortografia de Álvaro Ferreira de Véra”. *Verba – Anuario Galego de Filoloxía*. Santiago de Compostela, 19: 79-94, 1992.
- NASCIMENTO, Manoel; CARVALHO, Dolores Garcia. *Gramática Histórica*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1966.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – Fonética e Morfologia*. 8 ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1975.
- PAIVA, Dulce de Faria. Século XV e Meados do Século XVI. In: SPINA, Segismundo (Org.). *História da Língua Portuguesa*. Cotia/SP: Ateliê, 2008.
- REINHARDSTOETTNER, Karl von. *Grammatik der Portugiesischen Sprache*. Strassburg: Trübner, 1878.
- SEOANE, Ernesto González; DE LA GRANJA, María Álvarez; AGRELO, Ana Isabel Boullón (Coords.). *Diccionario de diccionarios do galego medieval*. 2006. Disponível em: <http://sli.uvigo.es/DDGM/index.html>.
- SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.
- SINNER, Carsten. “De Duarte Nunes de Leão à polémica sobre a origem da língua portuguesa no século XIX”. *Linguística* 22 (2009), 81-108. Disponível em: [http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/22\\_linguistica\\_081\\_108.pdf](http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/22_linguistica_081_108.pdf)
- SPINA, Segismundo (Org.). *História da Língua Portuguesa*. Cotia/SP: Ateliê, 2008.
- VERA, Alvaro Ferreira de. *Orthographia ou modo de escrever certo na lingua portugueza*. Lisboa: Mathias Rodrigues, 1631.
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidario das palavras, termos e phrazes, que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram*: obra

indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. Publicado em beneficio da litteratura portugueza, e dedicado ao Principe Nosso Senhor. Lisboa: Simão Thadeo Ferreira, 1798. Vol. I.; Vol. II (Editora Fernandes Lopes), 1865.

YANO, Cynthia Tomoe. *Um estudo das mudanças na escrita e na pronúncia do português, do século XVII ao século XVII*, com base em dois tratados de ortografia. Campinas: Unicamp, 2008. 32 p. (Relatório de pesquisa)

**Como citar este artigo:**

PROCÓPIO, Eliabe. *Appendiz Probi Português: reformação de algũas palauras que a gente vulgar usa & escreue mal (1576)*. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out - nov. 2014, pp. 444-458. Disponível em:  
<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/palimpsesto19estudos04.pdf>.  
Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507